

# ELEITOR IGNORA PARTIDOS

REJANE FORMIGA  
Da Editoria de Política

Pobre eleitor. Tantas as listas de nomes sugeridas por grupos de pressão, amigos, sindicatos e entidades de classe que ele se confunde. Há partidos demais, muitos totalmente desconhecidos. Há excesso de pessoas pedindo voto. Como a lei não exige fidelidade, pode-se escolher uma chapa com um candidato de cada partido. É uma tendência pra o voto Frankenstein

São 22 partidos e mais de 200 candidatos concorrendo às primeiras eleições em Brasília. Em meio a tudo isto, debatendo-se com as dificuldades de decifrar a cédula eleitoral mais extensa do País, o eleitor candango vê ainda multiplicarem-se, todos os dias, grupos suprapartidários que recomendam candidatos, criticam outros ou pregam, simplesmente, o voto nulo como forma de protesto.

Primeiro foram os dirigentes sindicais, depois os poetas da cidade e, finalmente ontem, a Frente Suprapartidária, promotora de debates desde o início da campanha, que divulgou seu manifesto à população indicando candidatos de diferentes legendas. Para a Frente, os "comprometidos com as classes trabalhadoras e com o desenvolvimento social-político-econômico e cultural de Brasília" são os seguintes: Arlete Sampaio (PT), Carlos Alberto (PCB), Lauro Campos (PT), Maurício Corrêa (PDT), Paulo Valle (PT), Pompeu de Sousa (PMDB) e Sebastião Abreu (PSB), para o Senado.

Os recomendados para a



Seligman: eleitor do PMDB não trai

Câmara repetem a verdadeira salada partidária: Amauri Barros (PT), Aristóteles Gusmão (PMDB), Augusto Carvalho (PSB), Beto Almeida (PSB), Campanella (PMDB), Cláudio

Vicente Pacheco (PSB), Chico Vigilante (PT), Edson Cardoso (PT), Eurípedes (PS), Ferro Costa (PSB), Geraldo Campos (PMDB), Hélio Doyle (PDT), Herilda Balduino (PDT), Luiz Man-

zollillo (PSB), Luiz Rossi (PT), Marcos Terena (PDT), Maria Laura (PT), Orlando Cariello (PT), Sigmaringa (PMDB), Fernando Tolentino (PMDB) e, com ressalvas J. Pingo (PCN).

Na última semana de campanha eleitoral, os próprios candidatos vêm estabelecendo as alianças mais confusas ideologicamente. Independentemente e acima dos partidos, há comunistas ligados a direitistas notórios; empresários a sindicalistas; católicos fervorosos a ateus. Só para se ter uma idéia dos acordos extrapartidários que caracterizam esta campanha, basta lembrar as dificuldades encontradas pelo presidente da Frente de Ética Partidária para unir os 16 pequenos partidos que integram o órgão (igualmente vítimas, ao menos em teoria, das grandes máquinas partidárias) em torno de um manifesto contra o abuso do poder econômico: "É que vários são financiados pelos candidatos ricos do PMDB ou do PFL", desabafa o presidente do movimento.

## FRANKENSTEIN

Em meio a tanta confusão, certamente os apuradores de votos se surpreenderão se encontrarem uma

única cédula completamente partidária. O mais provável é que a maioria seja de votos Frankenstein, ou seja, indicando candidatos de diferentes partidos. E nenhum postulante brasileiro à Constituinte, ao que se saiba, pretende rejeitar este tipo de sufrágio.

"Quando me perguntam em que senador votar, eu indico os candidatos do meu partido. Agora, também aceito, com o maior prazer, os votos dos eleitores que preferirem senadores de outros partidos" — afirma Jofran Frejat, do PFL. Benedito Domingos, outro pefelista, considera o voto Frankenstein "perfeitamente natural", argumentando que o eleitor vota mais em nomes que em partidos, "e não faço qualquer restrição a este tipo de voto".

O presidente do PDT, Maurício Corrêa, também acha que o eleitor brasileiro de cidará seu voto a partir da análise dos nomes dos candidatos e dos serviços que estes prestaram à comunidade. Por ser a primeira eleição da cidade, acrescenta o advogado, os partidos ainda não têm tradição junto ao eleitorado, por isso não pesarão muito na escolha.

A fragilidade dos partidos também foi apontada pelo secretário-geral do PDC, Rosalvo Azevedo, como a responsável pela salada partidária que, em sua opinião, caracterizará o voto do brasileiro: "Ora, a maioria dos partidos que está aí é verdadeira colcha de retalhos, unindo desde a extrema direita até a extrema esquerda sob uma mesma legenda. Outros foram criados apenas para abrigarem candidaturas e desaparecerão logo após as eleições. Como esperar que o eleitor não se limite a analisar os nomes?"

## CHAPA COMPLETA

Embora admita a existência de acordos entre alguns candidatos de seu partido e os de outras legendas, o presidente do PMDB, Milton Seligman, não acredita na ocorrência de muitos votos Frankenstein. Na opinião dele, a eleição se polarizará mesmo entre o PMDB e o PFL e os eleitores desses partidos, com a exceção possível de uma vaga para o Senado, não votarão nos candidatos do outro.

O surgimento dos grupos suprapartidários também não preocupa o dirigente peemedebista, para quem os partidos brasileiros não

são frágeis: "Pelo contrário, nossos partidos são fortes, mas não podem ter a pretensão de serem os únicos canais de manifestação da sociedade. Ao lado dos partidos, há diversos movimentos no seio da comunidade, decorrentes de relações como as de trabalho e as das associações de classe".

Ainda para Seligman, é a falta de um candidato a governador em Brasília que impede uma maior polarização partidária na campanha. A existência do chamado "carro-chefe", como explicou, daria uma personalidade mais nítida à campanha.

Quem não acredita, pelo menos da parte de seus eleitores, na ocorrência de votos Frankenstein, é o PT. Segundo Jorge Vinhas, do comitê eleitoral unificado do partido, "quem vota PT, vota PT de cabo a rabo". Enquanto que em seu partido o voto é ideológico, segundo Vinhas, nos demais a escolha é feita através dos nomes dos candidatos: "Além da nossa, a única legenda que teria condições de receber votos pelo seu programa era o PCB. Só que eles se coligaram com o PMDB e não compuseram toda a chapa".

